

POLIFONIA	CUIABÁ	EdUFMT	Nº 05	p.105-115	2002	ISSN 0104-687X
-----------	--------	--------	-------	-----------	------	----------------

## **Imaginário, linguagem e literatura ou conjeturas sobre um leitor insurreto**

Icléia Rodrigues de Lima e Gomes (UNIC)

*"Deus te livre, leitor, de  
uma idéia fixa"*

Machado de Assis

**ABSTRACT:** In this paper, I review the treasures of a research carried out in other times with the purpose of describing the moments in which pleasure/displeasure materializes in the bodies of secondary school students during class. Here I see and hear students as they are guided to be readers of literature.

**KEY WORDS:** qualitative research, students' pleasure /displeasure, literature classroom.

Assumo, nesta fala, uma palavra ambígua e marginal. Tendo migrado do reino das Letras para o reino das Pedagogias, venho perambulando pelos caminhos que vão de um a outro reino, de modo tal que a palavra que trago para dizer de Literatura se faz a mesma trazida para dizer de escola. Isso pode ser o ambíguo. Sendo pesquisadora de origem matuta, vivi, nesta última década, a comédia existencial de voltar, tanto na lida de pesquisar quanto na faina de viver, à antiga confiança no movido à lenha e no rente ao senso-comum, o que muita vez desagrada em qualquer reino. Isso pode ser o marginal.

Um jeito de abordar a temática desta mesa, e sua pertinência com a escola, é pôr sentido nas formas como a Literatura tem freqüentado algumas salas escolares, neste país de Capitus e Diadorins. Faz anos, vivi uma aventura parecida, vivendo o cotidiano de cinco escolas de Cuiabá, no Mato Grosso.

O fito foi o de analisar, na interioridade daqueles espaços, os momentos em que o prazer/desprazer está presente no corpo dos sujeitos – todos eles alunos de salas de 2ª série de 2º grau, com todos os seus professores<sup>16</sup>. Certamente que ali estavam os de Literatura. Empreitada finda, relato feito, mudei-me de Cuiabá, etc.

Foi então que abri os guardados a modo de revisitação e, dessa volta ao campo e às minhas tribos, trago algumas notas sobre os alunos considerados, agora, só no respeitante às lições de professores de Literatura, mais ou melhor, a alunos de Literatura. E o fito, aqui, é o de examinar os momentos em que aqueles adolescentes são levados a ser leitores de Literatura.

Já é bem conhecida a toada sobre os moços que, hoje em dia, já não gostam de ler. Já enfara essa lamúria e já desacorçoa o barulho feito para apontar culpados e pesar soluções.

Minha proposta, nesta mesa, não será a de discutir sobre como salvar a Literatura dos males da escola e de seus professores. Nem sobre a invenção de remendos novos para os já velhos métodos de ensinar Literatura. E nem sobre o texto literário como foco privilegiado para os fazeres da sociocrítica, da psicocrítica ou da mitocrítica, talvez bem mais de acordo com a temática desta mesa.

Quero me contentar com o encarar o tão pranteado desafeto do aluno adolescente pela Literatura, sua recusa peremptória pela aula de Literatura, numa perspectiva de “aceitação daquilo que é”, como propõe Michel Maffesoli. Quero pisar o mesmo chão do leitor insurreto, para além do bem e do mal, da verdade e do erro, sem ter preocupações de madre-superiora nem de guardiã das boas Literaturas. Dizendo curto e grosso, quero me pôr do lado do aluno-adolescente, diante da injunção escolar do dever-ler ...

Assim, apresento aqui algumas conjeturas, que terão o intento de dizer, primeiro, das regras rituais cumpridas em lições de Literatura; segundo, do imaginário manifesto na linguagem

---

<sup>16</sup> A pesquisa que foi feita resultou no texto *A Escola como Espaço e Tempo de Prazer: Uma Análise Proxêmica*. São Paulo: USP/FEUSP, 1992 - Tese de Doutorado.

verbal de alunos, sobre lições e professores de Literatura, e terceiro, do Imaginário que "fala" na corporeidade-gestualidade de alunos, em lições de Literatura.

### **1. Primeira conjectura: Das regras rituais cumpridas em lições de Literatura<sup>17</sup>**

A chegada de um professor de Literatura numa sala de aula, pelo menos no que idealizam os que observei, é como a chegada de um emissário, para quem as caras dos alunos devem se voltar. A palavra que ele apresenta revela a fê que tem nos seus deuses. Esses deuses não são, assim, tão divinos, porque são de uma religião alterada pelo tempo. São deuses letrados, alguns de fardão, alguns peregrinos, mas todos deuses con-sagrados e autores de prestígio.

A religião de um professor de Literatura parece ser uma religião do livro. Toda sala de aula tem cadeira e mesa de professor onde o livro é posto, de jeito que ele possa ter sempre à mão, a fim de sacrar o seu dizer e a sua lição. Também não pode faltar um quadro-negro - que talvez simbolize as trevas das pequenas e grandes ignorâncias -, onde o professor exterioriza a sua palavra com o giz - que talvez simbolize a branquitude da sabedoria, do letramento sagrado. Uma lição de Literatura é uma alumiação.

A participação de um aluno de Literatura numa sala de aula, pelo menos no mais vistoso do que vi, é a participação num ritual, com regras que prescrevem certas posturas-movimentos-gestos de professor e certas posturas-movimentos-gestos de aluno.

Há punições, reais ou simbólicas, para o aluno que não reverencia a ordem e organização do espaço sagrado da sala, o que se garante com a obediência a cinco regras rituais básicas:

I. Cada pélviz deve estar aderida ao assento em seu caixote procustiano individual, ou seja, sua carteira;

---

<sup>17</sup> Inspirei-me, para feitura desta primeira conjectura -- e da terceira -- numa sugestão feita por Dra. Marialnês Pagliarini Cox, amiga para muitas conjecturas

II. Cada carteira deve, com as da frente, compor uma fila e, com as dos lados manter a distância de um braço;

III. Cada braço e mão devem estar sobre o braço da carteira, fazendo uma relação de parceria com as orelhas e os olhos;

IV. Cada par de olhos deve estar voltado para a cara e o corpo em pé do professor, mais a cara do quadro negro à frente, ou então estar voltado para a escritura que a mão faz com preto no branco do papel, numa sagrada cópia da palavra feita com branco no preto no quadro negro, ou ainda estar voltado para transcrição da palavra ditada pela boca do professor;

V. Cada boca de aluno deve estar reverentemente fechada, ou seja, qualquer riso deve ser uma cópia de riso de professor, ser uma forma de reação ou devoção à graça de sua palavra e, portanto, ser parte integrante do que é previsto em planos, lecionários e lições.

Ora, pois, a palavra proferida por alunos, com regras, assim, tão consagradas, tende a ser aquela que um professor ordena, concede ou corrobora. Tudo além disso, tende a ser exorcizado.

Vê-se uma intensa ritualidade, portanto, em aulas de Literatura, mais ou melhor que em outras aulas. Isso bem rima com a afirmação de Le Breton, ao dizer de corpo e sociedade, de que *a ritualidade da interação social é, antes de tudo, uma ritualidade de condutas corporais*<sup>18</sup>. As regras rituais prescritivas guiam o comportamento corporal-gestual dos participantes nessas interações de aula, guiando os alunos para as usanças das orelhas e dos olhos, como aberturas predestinadas - con-sagradas - à alumiação dos deuses. Algumas dessas regras proscrevem, real ou simbolicamente, os movimentos corporais mais amplos, os movimentos feitos com as extremidades, os movimentos de aproximação ou invasão dos territórios corporais dos outros, o contato no sentido vernáculo, ou seja, as usanças dos demoníacos e irreverentes sentidos do olfato e do tato.

---

<sup>18</sup> Le Breton, David. *Corps et Sociétés - Essai de Sociologie et D'Anthropologie du Corps*. Paris: Librairie Les Méridiens, 1985, p. 71.

Vai daí que essa intensa ritualidade, que vi acontecer em lições de Literatura, tem a serventia de separar espírito - mente, razão, alma, não importa - de corpo - matéria, pó, cadáver que a terra há de comer, também não importa. Enquanto serve para promover a separação e sublimidade do espírito, a ritualidade da aula, sob as tais regras, serve para imobilizar, real ou simbolicamente, o corpo, apagá-lo ou deixá-lo na sombra<sup>19</sup>. Talvez sirva mesmo para torná-lo disfarçado de sombra.

Vai daí, também, que os corpos dos alunos de Literatura observados, sobretudo aqueles travestidos de sombra, vêm-nos apontar o fato de que existe na escola, muito antes e além de aula de Literatura, uma gestão da corporeidade - encaixotamento, condicionamento, domesticação, não importa. Nessa gestão da corporeidade estariam, acredito, e com J. C. Paula Carvalho<sup>20</sup>, os constituintes de uma *gestão escolar do imaginário*. Dizendo em bom tupiniquim: tentando administrar os corpos, tenta-se administrar as "crenças e representações" com que grupos de alunos de Literatura - e de outras lições - enxergam *a realidade e a si mesmos*<sup>21</sup>, ou seja, como vêm o texto, a linguagem literária, sua relação com um professor e sua leitura de alunos.

Posso compreender, com Michel Maffesoli, que a corporeidade-gestualidade é o *imaginário em ato*<sup>22</sup>. Esse *imaginário em ato*, tomo-o como os movimentos que as regras rituais escolares e, portanto, as de aulas de Literatura tendem a interditar.

Lição de Literatura é "leção", no sentido de leitura litúrgica e ritual, que o professor faz e o aluno escuta quieto. Ou lê no quadro. Ou na "apostila" da escola-empresa. Ou no manual da série. Ou na folha de "xerox". Ou no ditado do professor ... É a

---

<sup>19</sup> Cf. Paula Carvalho, José Carlos. *Etnocentrismo: Inconsciente, Imaginário e Preconceito no Universo das Organizações Educativas*. São Paulo: USP/FEUSP, 1996 (mimeo.), p. 4.

<sup>20</sup> Paula Carvalho, José Carlos de. *Sobre a Gestão Escolar do Imaginário*. Fórum Educacional. Rio de Janeiro, 1989.

<sup>21</sup> Japiassu, Hilton e Marcondes, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia* - 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996, p. 139.

<sup>22</sup> Maffesoli, Michel. *O Conhecimento Comum - Compêndio de Sociologia Compreensiva*. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 111.

leitura que o professor consagra. Ou a que ele permite que seja feita pelo aluno, mas com seu tom de professor, com seus esquemas críticos, seus métodos, de paletó-e-gravata ou mulambentos mas de professor ...

## **2. Segunda conjectura: Do imaginário manifesto nas vozes de alunos sobre professores e lições de Literatura**

O imaginário - "crenças e representações" com que vêm *a realidade e a si mesmos*<sup>23</sup> - está presente na linguagem verbal dos alunos observados. Essas falas podem gritar em nossos ouvidos e fazer corar nossas caras. Mas podem revelar que o encaixotamento escolar é sempre tentativa mas nem sempre êxito. Podem revelar, dos que falam, a irreverência, a descrença e o tamanho do desafio por deuses, heróis ou humanos letrados, descidos no altar da sala e lições de Literatura.

Quando os ditos alunos dizem de seu desgosto pelas lições, não é de texto e linguagem de texto que eles fala. Falam de professores "chatos". E as expressões para representarem professores "chatos" têm qualquer ligação com corpo, partes e funções de corpo.

Um certo professor "tem uma voz fina" e "enrola a língua para falar" porque "é muito chegado em missas antigas". Uma certa professora dá a impressão de um produto teratogênico: "quando você olha pra ela, assim... ela disfarça, assim"; "não dá pra agüentar aquela aula! Ela não escuta"; "ela não sabe, assim... conversar!". Ou seja, não tem olho, nem ouvido, nem boca.

Aula "chata" é aquela de um professor que só tem um percurso de andar, que vai do livro ao quadro, que não chega ou que não passa pelo lugar do aluno.

Muitas vezes o "chato" é "desconfiado", "nervoso" e até "agressivo". Um certo professor, "se você perguntar pra ele uma coisa duas vezes, ele já acha que você tá querendo brincar com a cara dele" ... Daí "ele grita, bate na mesa e vem pra com da gente!". Um outro "raramente conversa". Às vezes "faz uma

---

<sup>23</sup> Jupiassu, Hilton. op. cit. p. 139

brincadeira ... Aí, se a gente vai brincar com ele, ele fica bravo! Ele não gosta!”.

O que melhor pude perceber na escuta dos meninos foi que a Literatura e o texto literário não provocam mais desgosto e descrença do que os professores e o distanciamento, real e simbólico, de seu lugar de aluno. Apagado é o lugar do aluno, assim como nas sombras é a sua leitura de aluno. Eis aqui a voz de um desses meninos, de dezessete anos, e sua peremptória recusa em falar com os deuses:

*Eu acho que ele devia conversar mais com a turma. Ele conversa muito dentro do contexto literário... Ele conversa como se estivesse conversando com um Carlos Drummond de Andrade, um Fernando Pessoa, um Cezário Verde... Ele vai conversando naquilo ali, como se a gente tivesse entendendo tudo! Ele conversa como se estivesse conversando com um Carlos Drummond de Andrade, um Fernando Pessoa, um Cezário Verde ... Ele vai conversando naquilo ali, como se a gente tivesse entendendo tudo! Ele conversa com os escritores... O aluno sai da aula de Literatura como se tivesse carregando um fardo nas costas!... Gosta da sala quieta! ... só o barulho do ventilador e a voz dele falando!... Ele pega, no final da explicação e fala assim: - Eu gostaria de saber se a sala entendeu isso ... O aluno nem lembra mais do que ele tava falando mas, aí, fala que entendeu ...*

Por outro lado, são intrigantes certas contradições catadas dessas falas. Se uma metade afirma que um certo professor é “amigo”, “conversa” com os alunos não só dentro do tal “contexto literário”, a outra metade do grupo jura que tal professor é um “palhaço”, que “confunde o brincar com o ensinar”. Uma garota de quinze anos, sobre o professor Tal, é quase cruel:

*- Ele não dá aula!... Anteontem, ele passou uma poesia: E agora, José - A festa acabou, não sei o quê... E então? Passou no quadro e aí começou a falar numa festa ... Será que ele vai ficar conversando o ano inteiro com a*

*gente e o verbo ... nós vamos aprender? ... Eu tô pagando, pra ele ficar batendo papo ... falando da festa que vai ter nos quinto dos inferno?...*

Para mergulhar mais fundo na compreensão de sua verbalidade foi preciso entrar em sinergia com os alunos, ser "como se" um deles - como se à volta de uma fogueira ou mesa de botiquim. Nesse estar-juntos pude até fazer um inventário de palavras e expressões com que representam sua vivência de alunos de Literatura.

Alguns epônimos zoológicos aparecem em seu vocabulário, para figurar um professor - que pode ser um cavalo, uma besta, um leão, um veado, uma anta -, ou uma professora - que pode ser uma mula, uma onça, uma perua, uma jararaca.

A triste condição de ser aluno nesse mundo animal é mais clara quando o aluno diz que um professor berra, avança e escoiceia, quando alguns juram que um outro tem aquela tromba, tem garra, focinho ou aquele beijo. Ou quando dizem que aluno nem pia, nem chia. Que tem "bucha de ema" ou tem que "pôr o rabo entre as pernas..."

Fora do propriamente zoológico são as suas metáforas corporais anatômicas, para dizer de um desconforto que se junta a aflições suscitadas por aulas de Literatura. É quando estão com "o estômago nas costas", de "saco cheio", com "a cabeça rodando". Ou quando o professor que acabou de entrar é aquele "babaca", "cu de ferro", que "esculhamba todo mundo", deixa este "acuado", deixa aquele "de orelha em pé", deixa a turma "de pé e mão quebrada".

Existem ainda as metáforas fisiológicas. É quando aquele aluno está "se mordendo de raiva", "se borrando de medo", "vomitando de nojo", "dormindo em pé". E também há expressões para indicar que determinado professor gosta de "dar sentão", que a turma "empurra com a barriga", que a vontade é de dar nele uma "porrada", "chutar tudo pro alto" e ir para a praça, "coçar saco".

Muitos adjetivos lembram qualidades cenestésicas, táteis, gustativas e visuais. Um professor de Literatura quase nunca é "aberto": é quase sempre "fechado", "murcho", "mole", "frouxo" ou

"apressado". Quase sempre é "frio", "seco", "duro", áspero", "ceboso" ou "casca-grossa". Esses mesmos tais são também "azedos", "sem-sal" e "sem-graça". E em dias de avaliação a situação fica sempre "preta". Raramente "azul".

Sugerindo territorialidade ou distâncias entre uns e outros, as palavras podem referir-se a um professor de quem "todo mundo corre", "ninguém chega perto" ou "sempre dão no pé".

O convívio permeado de conflitos está presente na linguagem que esses alunos utilizam para indicar duplicidade e mascaramento. O ambiente da sala de aula, em muitas lições de Literatura, é como um baile de máscaras: professores têm "cara-feia", "cara-dura", "cara de bunda", e então os alunos fazem "cara de anjo", "cara de pau" ou "duas caras" – para não "cair a cara", não "quebrar a cara", não "dar com a cara na parede"... Entidades perambulam nessa profusão de "mise-en-scène": professor é Bandido, Xerife, Bruxa, Assombração, Vampiro, Capeta. Raramente é um Anjo, um Santo ou o Papa.

Nem anjo, nem santo, nem papa pode garantir o encontro prazeroso com um texto literário ...

### **3. Terceira conjetura: Do imaginário que "fala" na corporeidade-gestualidade de alunos em lições de Literatura**

No dizer de Susane Langer, os gestos funcionam como *sinais ou sintomas de nossos desejos, intenções, expectativas, exigências e sentimentos*<sup>24</sup>. E Le Breton acrescenta, que *a matéria semântica do corpo não é o som, mas o gesto, a mímica, o impalpável das sensações*<sup>25</sup>... Com Langer e Le Breton, passo agora, numa terceira e última conjetura, a mostrar, não mais o som das vozes dos meus meninos, mas a "matéria semântica" intrigante e fugidia de sua gestualidade.

São os "sinais ou sintomas" de sua insurreição contra as lições de Literatura, contra aquilo que seus professores apelidam

---

<sup>24</sup> Langer, Susane K. *Sentimento e Forma*. São Paulo: Perspectiva, 1980, p. 183.

<sup>25</sup> Le Breton, David. Op. Cit. p. 69.

de boa leitura ou bons textos, isto é, os que servem aos rituais de *alunização e alumiação* ...

São justamente os momentos de boa leitura e de bons textos os momentos de desagradado dos alunos: tédio, sono, fadiga, tensão, dor, impossibilidade física – numa palavra, desprazer. Ora, é em momentos de "crise, de excesso", que o corpo pode ser sentido pelo sujeito e quando as emoções, em sinais, podem ser flagrados por um observador.

Vivenciando com aqueles adolescentes suas aulas de Literatura, pude flagrar esses momentos de crise e de excesso de desprazer<sup>26</sup>.

Nesses momentos, há sempre um ponto de tensão ou de espasmo, na cervical, na pélvis, na coluna. O cabelo gruda na nuca, a cabeça pesa. Tensões e espasmos mais acontecem quando é preciso ouvir o que é dito ou o que é lido, quase todos os dias, todo um ano letivo.

A atenção a emissários e deuses obriga a fazer do braço um pilar da cara ou da arcada. Os dedos são mirados, esgravatados, mordidos, chupados. Canetas são extensões de dedos e, assim, podem ser sugados como bengalas de açúcar. Às vezes os gestos "ecoam" na sala e o morder-sugar dedos e canetas parece moléstia que acomete um após outro, como dengue no Espírito Santo! As unhas esgravatam a pele do rosto, cutucam cravos, cerume, meleca, caspa. Sempre aparece um comichão. Derrepente! E às vezes a coceira desce pelas costas e a unha não consegue alcançar.

É possível entender, com Lowenfeld e Montagu, que os dedos desses alunos *funcionam como antenas ou sensores, que testam os arredores para atividades motoras subseqüentes*<sup>27</sup>. Como essas "antenas" ou "sensores" adolescentes não encontram qualquer tarefa motora a cumprir – prazerosa ou menos desagradável – voltam-se para os "arredores" das próprias caras, para alisá-las, massageá-las, consolá-las ou ... corroê-las.

---

<sup>26</sup> São apresentados a partir deste momento uma série visual foto-etnográfica, relativa ao assunto.

<sup>27</sup> Montagu, Ashley. *Tocar – O Significado Humano da Pele*. São Paulo: Summus Editorial, 1988, p. 216.

Para os alunos é penoso digerir as percussões ou repetições rituais diárias e o tédio das lições que é preciso ver-ouvir em silêncio. Chega a acontecer, em algumas ocasiões, de um braço servir de pilar para sustentar, não a cara, mas o tronco e a cara, enquanto o punho fechado do outro braço bate disfarçado sobre a boca. Chega a acontecer, até, de o colega próximo juntar os dois braços e mãos como se numa reza, enquanto as polpas de dois polegares sustentam o frontal – mais exatamente as bordas dos buracos dos olhos ...

Há um torpor, um sono e vem o bocejo. O aluno se esfrega, se escorrega e cai. Nesses momentos, um corpo de aluno de uma escola particular diurna – de elite – se parece, extremamente, com o corpo de aluno de uma escola estadual noturna – de pobreza "cohabitada".

Se há uma postura ou gesto – "sinal" ou "sintoma" – de tédio ou aflição, certamente que isso pode ser mostrado em dois exemplos: um primeiro, em que o aluno escorrega, sonolento, sobre o tampo de uma carteira, debruçando sobre si mesmo numa posição quase fetal; um segundo, em que o aluno, em plena lição de Eletrônica, posterior a uma lição de Literatura, executa um "gesto relíquia" – primordial, filogenético: levantando os braços, meio símio, meio acrobata, tenta agarrar um galho ou trapézio, para voar e fugir ...

Como diria Guimarães Rosa, *assim eu acho, assim é que eu conto. O senhor é bondoso de meu ouvir.*